

MENU

G1

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL

Sábado, 27/02/2016, às 14:21, por [Antônio Carlos Miguel](#)

O que rola: da história de James Brown à boa estreia de Clara Gurjão

C L A R A G U R J ã O / E L A



Melhor, então pular para a anunciada no título. “Ela” (independente), o destaque brasileiro da semana, é o promissor disco de estreia da cantora e compositora carioca **Clara Gurjão**. Com alguma bagagem já acumulada (diferentes grupos no Rio, passagem por Cuba onde imergiu nos ritmos da ilha, apresentação em Portugal), ela usa da variedade paleta de ritmos populares nascidos no século XX para desenvolver sua criação. Letras quase sempre interessantes - passando por questionamentos existenciais, crônicas sobre os relacionamentos ou cenas a que assistiu nas ruas - ganham o que, numa definição redutora, podemos chamar de MPopB. Algumas híbridas, pulando de gêneros na mesma composição, suas canções vêm de samba, balada, tango, blues, jazz, pop. Repertório diversificado que é valorizado por arranjos e execução, em produção da cantora em parceria com três dos instrumentistas que

participaram das sessões no estúdio carioca Marini, Danilo Andrade (teclados e violão), Kassin (baixo, guitarra) e Marcelo Costa (bateria e percussão). A presença da música de Caetano, que ela diz ser sua maior inspiração (“referência musical e artística”), é nítida em faixas como a de encerramento, “Vou te esperar”, assumidamente pop, saltitante (com levada de “Gatas extraordinárias”) e “Sempre é pouco”. Esta, como ela conta no texto “faixa a faixa” que preparou para a mídia, nasceu a partir do standard jazzístico “Take five” (que o saxofonista Paul Desmond fez para seu “boss”, Dave Brubeck), e foi parar na África graças à guitarra de Maurício Pacheco e ao arranjo de percussão de Marcelo Costa. Não por acaso, é a canção que antecede “Muito”, de Caetano, que ganhou arranjo solar e acelerado. Interpretação correta, que flui bem no disco, assim como na outra composição na qual ela também não é a autora, o bolero “Como fue” (Ernesto Duarte Brito).

Apesar de boa cantora, timbre límpido e natural, usado na dose exata, é como compositora que Clara se destaca em meio às dezenas de novas que não param de surgir. Mais exemplos disso no samba lento “Armadilha”; no quase tango “Rendição” e na balada “Leonino”. *(PS: corrigido em 5/3/16, tinha repetido o nome de outra faixa).*

Sábado, 05/03/2016, às 12:32, por [Antônio Carlos Miguel](#)

Ecos progressivos em meio a pedaladas e pedalinhos



Na quarta-feira, no lançamento de “Ela” no Solar de Botafogo, esbanjando segurança e presença forte, **Clara Gurjão** confirmou as boas impressões de seu disco de estreia, um dos assuntos aqui na semana passada. No palco, o formato é mais pop,

elétrico, mesmo que a banda conte com dois dos músicos que dividiram com ela a produção do CD, o veterano baterista Marcelo Costa (cada vez mais especialista em trabalhar com cantoras, de Bethânia a Jussara Silveira) e o novo e bom tecladista Danilo Andrade. Para atender essa pegada, o roteiro deixou de fora a canção que eu mais gostara no disco, o samba lento “Armadilha”. E acrescentou mais uma daquele que Clara diz ser sua principal influência, Caetano: “O galo cantou” (do último disco de estúdio com a BandaCê, “Abraço”), que se juntou a “Muito”.